

O brasileiro Michel Maffesoli, sociólogo francês

Luiz Felipe Baêta Neves*



Poucos cientistas sociais deste final de século despertam alianças e críticas tão apaixonadas quanto Michel Maffesoli. Só por isto, ele já mereceria ser visto com atenção; os tempos pós-modernos (o que quer que seja este adjetivo) não serão lembrados pela vivacidade ou pelo arrebatamento.

Muitas razões poderiam ser lembradas para explicar (ou melhor, compreender) a figura pública de Michel Maffesoli. Creio que uma forma de organizá-las, ao menos em parte, seria com o auxílio de uma noção cara ao sociólogo em questão: a noção de “coincidência de opostos”. Que, rejeitando uma lógica excludente e identitária, chama a atenção para a efetiva convivência na sociedade de fenômenos supostos, por esta lógica, de impossível coexistência.

A coincidência de opostos, se aplicada a seu próprio criador, conhece muitos modos de aparecimento. Pode ser observada, por exemplo, na opinião ou nas expectativas de comportamento que ajudam a compor a legenda maffesoliana. Lembro de algumas das primeiras reações no Brasil (e que, depois, constatei não serem exclusivas de nosso país ...) ao seu trabalho; falavam de um sociólogo que se referia à “orgia social”. Seria, provavelmente, mais um autor lançando mais uma moda intelectual, passageira e frívola como tantas que Paris já produziu... No

caso específico do “orgiasmo”, estas desconfianças, de tom ético e teórico, eram fortalecidas pelo veterano e sempre alerta imaginário social que liga a França (e Paris em especial) às celebrações dos prazeres do corpo, mesmo em seus momentos mais desregrados.

Pelo desejo deste imaginário, estaríamos diante de um curioso caso de reaparecimento da libertinagem, promovida, agora, por um professor titular da Sorbonne! O encontro pessoal com Maffesoli certamente seria frustrante para este imaginário desejeante; ele é elegantemente discreto, no vestir e no falar, e nada parece denunciar sua (suposta) febricitante vida... Sujeito empírico e sujeito do conhecimento não se fundem, aqui, como a apressada ideologia moralista gostaria que acontecesse.

O mesmo convívio paradoxal pode ser visto quando se observa com atenção o modo de atuar de Michel Maffesoli; ao contrário do que a opinião preconceituosa (ou pré-conceitual) proporia, a sociologia do efêmero, das relações que se fundem fora do imaginário do produtivismo não impõem... o dulce far niente ou a preguiça mental. Quanto à última, o que tem ocorrido é que as sucessivas propostas conceituais de Michel Maffesoli têm posto a trabalhar (às vezes inconscientemente, reativamente) áreas da sociologia e da antropologia

que tinham se consolidado às custas da perpetuação, da reprodução, de temas e procedimentos.

Sociologia operosa também em relação a suas maneiras de se expandir. Se não deixa de apontar para a importância do fluido, do esgarçado, do oco, não se esqueceu, tampouco, do aspecto relacional, que entretece. Na verdade, o movimento que tem como fonte de referência privilegiada a obra – e a pessoa – de Maffesoli se prolonga e se desdobra de forma rara na história das disciplinas teóricas sobre o social. O estabelecimento de redes de amigos e instituições, seu entrecruzamento, sua “reverberação” incessante mostra que as formas sociais da afetividade podem ser intelectualmente fecundas, sem que percam sua marca prazerosa (o que não impede que se perceba, claramente, que esta rede, ou melhor, estas redes, não se estendem em um absoluto vazio político, sem opositores, detratores etc.).

A vivacidade destas redes – compostas de fios e pontos que não se imaginam como reflexo de um grande centro – se deve muito a um aspecto de Michel Maffesoli nem sempre evidente. Penso em sua índole de missionário pagão, de um denodado apóstolo de suas idéias que não parece temer distâncias ou recuar diante de dificuldades ou face à eventual insipiência do público. Aspec-

to determinado, dizia, e pouco visível porque quase sempre o que predomina é a idéia (excludente, também) de que o que “de fato acontece” (?) é o prazer inconseqüente da viagem e da “mundanidade”.

Neste ponto, a verdadeira lição que Michel Maffesoli oferece é a de que prazer e determinação – ou mesmo, obstinação – não são, necessariamente, elementos entre os quais se deva optar. A lógica maffesoliana valoriza o e e reage ao imperial determinismo isolacionista do ou. O que poderia ser dito de outra antinomia confusa que aponta o pensamento do nosso sociólogo como expressão acabada do irracionalismo. Não cabe aqui aprofundar a propriedade de tal acusação mas, ao contrário, creio que é oportuno, sim, lembrar que Michel Maffesoli não se pretende um corifeu dessa corrente de pensamento. A mim, seu esforço me parece de natureza bem diferente daquela imputada a ele por seus críticos; ao incluir no pensamento sociológico aquilo que é pequeno, inconstante, irregular, sentimental, “afetual”, em suas palavras, o que faz é incluir em uma ordem discursiva eminentemente racional aquilo que tantas vezes, e por tanto tempo, foi deixado de fora ou, mesmo desconsiderado – na acepção forte do termo – pela sociologia normativa e macroconceitual. Não é por se falar em territórios não reconhecidos pela razão dominante que, forçosamente, se está sendo irracionalista assim como não é por se falar em classe operária que se está a assumir uma oposição revolucionária de esquerda, indo para o paraíso.

Com a denúncia da saturação do político, Michel Maffesoli argumenta que o que deve ser prioritariamente encarado nas sociedades contemporâneas é a sociedade ou, mais exatamente, a força social, fonte de energia e de vitalidade que é infensa ou mesmo distante do poder (político). Esta postulação – ao contrário do que acusa o imaginário opiniático anti-maffesoliano – não é, necessariamente, sinônimo de alienação ou imobilismo diante do mundo. Este pode ser visto em suas tramas reais, quotidianas ou grandiosas e excepcionais sem que, para ser compreendido, precise ser visto por algo que supostamente o domina ou o representa; por que para compreendermos o povo temos que, sempre, passar pela compreensão das atitudes dos “representantes do povo”?

A exaltação do povo, na obra que

interpretamos, especialmente de sua vitalidade e de sua inconstância e imprevisibilidade (fonte de tantos erros analíticos... e políticos de historiadores e cientistas “racionalistas”), é outra fonte de equívocos. O primeiro seria o de imaginar Michel Maffesoli como sendo pessoalmente um adepto de atitudes “populistas”. Ora, tais atitudes, na versão brasileira atual da palavra “popular”, implicaria em maneiras extrovertidas, de sofrível conhecimento de regras e fronteiras sociais excessivas, desabridas. Nada mais distante do comportamento de Maffesoli; aqui também este imaginário açodado confunde palavras e coisas, obra e autor.

Seria preciso, quanto ao populismo de Michel Maffesoli, ter em conta que a possível aplicação deste conceito ao Brasil deve passar por um filtro crítico que permitisse considerar as vicissitudes históricas peculiares por que passou, o

Neste ponto, a verdadeira lição que Michel Maffesoli oferece é a de que prazer e determinação – ou mesmo, obstinação – não são, necessariamente, elementos entre os quais se deva optar.

populismo, neste país. E não confundilo, redutoramente, a outros como, por exemplo, o russo, ou deturpá-lo hiperpolitizando-o.

Elemento provocador de controvérsia é, sem dúvida, a afirmação de Michel Maffesoli quanto à existência – legítima – de uma pluralidade de posições teóricas de análise da sociedade. A quebra da idéia de que só há, só deveria haver, uma teoria ou uma escola de pensamento válida rompe com as fronteiras supostamente muito bem delimitadas entre paróquias teóricas. E mais: debilita os esforços – nem sempre declarados... – de dominação política e institucional e de ganho de prestígio e de dinheiro que se esmeram, tais esforços, em se mascarar sob os disfarces da nobilitante “disputa acadêmica da verdade”.

O ataque à arrogância cientificista é completado pela defesa que Michel Maffesoli faz de uma continuidade entre a ciência e a realidade social. Ou: como não há rutura entre objetos empíricos e objetos de conhecimento, não há como não sustentar uma espécie de existên-

cia “supra-social” da ciência e de seus atores.

Qualquer que seja a posição que tenhamos quanto aos dois ataques à petulância “científica” acima descritos, é inútil concluir que a proposta maffesoliana nos levaria a um hiper-relativismo de noções – ou mesmo à dissolução do saber no magma social. Se observarmos o trabalho de Michel Maffesoli com atenção, constataremos a criação de inúmeros conceitos (e a refutação de outros tantos) o que, por si, já é uma negação da acusação de que “nada há a fazer em ciência social porque tudo pode ser feito” ou a de que “a ciência social nada tem a dizer de diferente da linguagem comum; deve desaparecer”.

A fértil imaginação sociológica que aqui verificamos ajuda a matizar afirmações do próprio Michel Maffesoli que gosta de repetir que “nada disse de novo”. Creio que o que ele faz não é uma prece à humildade, é um ataque à paixão pelos “atos inaugurais” que se abate sobre tantos intelectuais...

A imersão na realidade social, ao contrário do que se poderia ser imaginado pelas poderosíssimas forças do empirismo vulgar, não deve ser visto como uma apologia ao “pesquisismo”, triste realidade da ciência social brasileira (e, claro, não apenas dela). A idéia de uma “ciência social” cujos conceitos podem ser aplicados a uma “dada realidade” parece-me decididamente alheia aos interesses maffesolianos. E a muitos títulos. O primeiro deles seria a concepção, defendida por Michel Maffesoli, de uma realidade maior do que qualquer teoria que, dela, tentasse dar conta. Ou: a vida é maior que qualquer teoria. Esta não passa de uma tentativa forçosamente redutora da exuberância da realidade social.

A “ciência social” não é, portanto, vista como alguma coisa que tenha uma “faculdade especial de conhecimento” pelo simples fato de estar no mesmo plano do “social”. Na verdade, este social inclui a teoria e a subordina; não é uma sorte de “matéria amorfa” que não deseje mais do que ser “conhecida” por uma teoria que a explique e domine.

A teoria social maffesoliana parece ser um comentário da realidade, sem com esta se confundir – desejo de muitos empiricismos. A teoria social não “representa” nem é “expressão” ou regra ou “ditame” da sociedade, é um de seus rostos – e, por certo, não dos mais bonitos.

O que acaba de ser dito não deve ser encarado, por outro lado, como um repúdio ou menosprezo à “pesquisa empírica” ou “histórica”. Se o próprio Michel Maffesoli não tem especial pendor por ela, isto não impede de ser leitor e “estimulador” de tantas e tantas investigações “concretas”.

Talvez o mais “insidioso” efeito da obra de Michel Maffesoli na “ciência social” brasileira seja o da escrita. Falo mais de um desejo meu do que de um *fait accompli*. Penso, especialmente, nas maneiras pelas quais a escrita maffesoliana pode se misturar a outras, vindas não do que se acabou por caracterizar como a “escrita padrão” daquela ciência. Ou seja, alguma coisa bem próxima da sensaboria – alguma coisa que sequer tentou se afastar de um pastiche das “ciências exatas”, em uma patética tentativa de se assemelhar ao real ou a uma ciência que se expressasse transparentemente, sem mediações, face ao real...

Esta mistura de registros pode ser vista notadamente na citação de passagens literárias. Não – é claro – pela mera citação de “passagens literárias”, mas pelo efeito que elas têm na própria organização discursiva. E – outra negação – não pela positividade que a própria menção ocasionaria; penso em sua “naturalidade”, em uma especial inserção discursiva que não denota “alteração” quanto à forma discursiva dominante que vinha sendo empregada. Não são citações “literárias” que “ilustram” um texto; são menções que mostram que entre realidade, teoria social e literatura o horror não é regra a ser, por todos, obedecida.

Espero que o que acaba de ser dito não favoreça uma crítica fútil (que se imagina severa) feita a Michel Maffesoli, e que tentaria anular sua pujança teórica e crítica dissolvendo-a em um discurso “qualquer”, mais próximo da literatice (e/ou do nada) do que de qualquer outra coisa (“científica”). Não há uma “homogeneidade absoluta” a que se pudesse chamar de “discurso” ou “obra” maffesoliana, como não há nenhuma noção de “obra” que não pague letal tributo às noções de “totalidade” (totalitária), de “criador” ou de “essência”.

O anti-historicismo de Michel Maffesoli e a importância que o presenteísmo tem em seus trabalhos merecem observação crítica mais extensa e que escapa às intenções desta crônica. Vale, contudo, salientar aspecto particularmente vulne-

rável às investidas dos guardiões das arcas do tempo da História.

Penso na utilização de formas do imaginário – ou mesmo de noções como a de “barroco” – que faz Michel Maffesoli. Se é certo que ele as faz viajar no tempo, marcando-as com fortes tons de atemporalidade, também me parece certo que a articulação de tais formas ou noções “atemporais” a circunstâncias determinadas (pela cultura, pela história...) faz com que sejam reveladas suas diferenças. Ou seja, não é forçoso que interpretemos a aplicação de tais objetos de conhecimento como um exercício de demonstração da universalidade e de eternidade do Mesmo.

Uma apologia do Mesmo, da Identidade que não cessa de se reproduzir sob rostos apenas superficialmente distintos, seria de difícil sustentação no âmbito da epistemologia maffesoliana. Em primeiro lugar, porque esta é especialmente atenta à mestiçagem, à constituição múltipla e diversificada, não somente de povos e culturas, mas da própria teoria social. Em segundo lugar, porque as concepções de Michel Maffesoli quanto à descontinuidade (e, mesmo, quanto ao papel do excesso na sociedade) não favorecem uma lógica identitária.

A desconfiança reiterada de Maffesoli quanto aos “projetos sociais” da Teoria, sua paixão conceitual (e pessoal) pela vida, seu modo característico de contemplar o mundo mostram que sua relação (tão discutida) com o tempo e a história não o levam a se desinteressar do quadro humano que tem diante de si ou a se transformar em um entusiasta do Passado ou do Eterno.

O amor pela vida, pela possibilidade de existência de uma sociedade que proponha uma proximidade de afetos, fonte de uma estética social formadora de tribos que se recusam a optar pelos pólos antitéticos e dicotômicos rotulados de “indivíduo” e “sociedade”, a dissolução das barreiras entre ciência e existência, todos esses elementos decisivos para a teoria maffesoliana tiveram um curioso e significativo destino. Penso no encontro entre estas – e muitas outras noções – e a “civilização brasileira”.

Disse uma vez a Michel Maffesoli que ele era o primeiro caso que eu conhecia de pensador que tivesse tão bem conhecido o Brasil... antes de conhecê-lo como especialista ou mesmo (à época) como visitante freqüente ou de longa data. A

observação o encheu de alegria... e ela expressa, a seu modo, uma verdade. Poucas teorias contemporâneas podem ser tão férteis para a compreensão do Brasil como as de Michel Maffesoli; poucas teorias podem ser tão úteis para a compreensão da extraordinária pretensão “revolucionária” ou “cientificista” de tantos de nós, desta geração de intelectuais e, pelo menos, daquela que a precedeu.

A importância teórica e política da atividade maffesoliana é, para um olhar guiado pela afetividade, pequena se comparada a sua atitude pessoal em relação aos brasileiros. Sua generosidade sempre abriu as portas de sua casa e seus centros de pesquisa, revistas, congressos sempre foram um caloroso ponto de referência ou apoio para muitos de seus colegas do Brasil.

Ao lado da contribuição teórica que este número de Logos espera oferecer, ele é também um gesto de companheirismo e reconhecimento. Tribal, por certo...

* Luiz Felipe Baêta Neves é Professor na UERJ e na UFRJ.